



## A NATAÇÃO COMPETITIVA FEMININA GOIANIENSE NA DÉCADA DE 1970: MEMÓRIAS, MITOS E MAIÔS

Rosângela Campos  
FAV/UFG

Rita Moraes de Andrade  
FAV/UFG

### Resumo

Este artigo revela o cenário da natação competitiva feminina goianiense durante a década de 1970, por meio da narrativa oral de duas atletas: Alexandra Maia e Zulma Batata. A falta de apoio da família, os mitos em torno do corpo da nadadora, a falta de materiais e de uma piscina olímpica e os estereótipos de gênero foram algumas das dificuldades enfrentadas pelas nadadoras. Quanto aos maiôs, estes foram analisados a partir de sua modelagem, tecido, cores, acesso e moda e foram vistos como fonte de memória e afetividade.

**Palavras-chave:** natação feminina; memórias; maiôs.

### Abstract

This article reveals the scenario of female competitive swimming goianiense during the 1970s through the oral narrative of two athletes: Alexandra Maia and Zulma Batata. The lack of family support, myths surrounding the body of the swimmer, lack of materials, an Olympic pool and gender stereotypes were some of the difficulties faced by swimmers. As for swimsuits, they were analyzed in their modeling, fabric, color, access and fashion, as well as considered a source of memory and affection.

**Keywords:** female swimming; memories; swimsuits.

## 1 Introdução

Antes da invenção da escrita, as tradições, costumes e o cotidiano eram transmitidos por meio da oralidade, como ocorre até hoje em algumas sociedades. Com o letramento, a história oral foi perdendo espaço para história oficial (história como ciência positiva), documentada e escrita, pautada nos grandes acontecimentos e com personagens sempre advindos de classes sociais mais elevadas (ARANTES, 1984).

Nas últimas décadas, a história oral, mesmo que de forma insipiente, vem ampliando seu lugar nas produções acadêmicas, com a proposta de compreender e ressignificar o cotidiano e os sujeitos, permitindo, assim, o entendimento da estrutura social e da construção dos indivíduos enquanto sujeitos de sua própria ação.

Essa singularidade que a história oral oferece, associada à revisão bibliográfica e à análise de fotografias, foi o método escolhido para compreender, descrever e analisar a natação competitiva feminina goianiense da década de 1970, uma história ainda não contada, silenciada na memória dos atletas, técnicos, pais e outros. Para isso, foram selecionadas para serem entrevistadas duas atletas da natação máster goiana que nadaram nesse período: Alexandra Maia e Zulma Batata. O roteiro da entrevista foi elaborado previamente pelos pesquisadores. O recorte temporal se deve ao fato de a década de 1970 ser considerada o início da natação competitiva feminina em Goiânia.



Este artigo está dividido em duas sessões. Na primeira parte, é apresentado um breve histórico da natação na década de 1970. Na segunda, é realizada uma análise do conteúdo da entrevista com as atletas. A entrevista incluiu duas temáticas: 1) compreensão do cenário da natação competitiva feminina em Goiânia considerando as seguintes questões: mitos, inserção da mulher na natação competitiva, apoio da família, imprensa e clube, infraestrutura, aplicação de conhecimento científico no treinamento e formação dos técnicos/professores. 2) estudos dos maiôs (modelagem, tecido, percepção de conforto, acesso e moda).

Nesse sentido, este estudo tem como pretensão o resgate da história da natação competitiva feminina goianiense, a partir dos sujeitos que ajudaram a construir e a fortalecer essa modalidade esportiva na cidade. As memórias das entrevistadas constituem um acervo oral que necessita ser captado e analisado enquanto documento para a compreensão e organização de um tempo passado que explica o desenvolvimento da natação goianiense.

## **2 A Natação para “Moças”**

No mundo esportivo, a década de 1970 foi marcada por indícios do uso de doping por atletas da Alemanha Oriental, em especial dos nadadores. Atletas que nas Olimpíadas de 1972 não tiveram resultado expressivo venceram nas Olimpíadas seguintes, em Montreal, 11 das 13 provas disputadas. Além desse desempenho excepcional, o corpo das nadadoras, excessivamente musculoso, foi outro aspecto que chamou a atenção de todos (COSTA, 2008).

Anos mais tarde, após a queda do muro de Berlim, uma das principais nadadoras nos anos 1970, Kornélia Ender, revelou o uso de injeções e pílulas. Ela foi a primeira mulher a ganhar quatro medalhas de ouro em uma mesma edição dos Jogos Olímpicos. No cenário nacional, destacaram-se, na década de 1970, Lucy Burle, nadadora do Botafogo, medalhista no Pan de 1971; Maria Eliza Guimarães (Flamengo) recordista sul-americana (por quase toda a década de 1970); e Rosemeyre Ribeiro, medalhista no Pan de 1975.

Nesse período, as provas da natação feminina eram denominadas por “natação para moças”, e os estilos tinham outros nomes. O nado peito (como é conhecido hoje), por exemplo, naquele período era chamado de “peito clássico”. A figura 1, que traz a programação do Campeonato de Brasília de 1974 realizado na piscina do Círculo Militar, apresenta essa nomenclatura. Nesse campeonato, a atleta goianiense Alexandra Maia foi a campeã nos 100 metros “Moças Peito Clássico”.



Prova	100 m	Moças	Nado	Livre
1	Eda Montalvão	AABB	.....	.....
2	Falda C. Pantunzo	CSUV/1	.....	.....
3	Mary Sardinha	MINAS	.....	.....
4	Glanda Maria Mattos	AABB	.....	.....
5	Alexandra E. Maia	MINAS	.....	.....
6	Regina Maria F. Groba	CSUV/1	.....	.....
7	Claudia Cambrala Vidal	CSUV/1	.....	.....
8	Elma Ayres da Silva	MINAS	.....	.....
9	Myrian Dorella Ferreira	MINAS	.....	1m07s6
Recordes:	18.2.73	Myrian Dorella Ferreira		

Prova	200m	Homens	Nado	Livre
1	Alberto Clival Neto	MINAS	.....	.....
2	Luiz Bruno de Souza	MINAS	.....	.....
3	Lucio Rubio Pacheco	MINAS	.....	.....
4	Marcelo C. Coelho Netto	AAEB	.....	.....
5	José Jomar Feijó	AAEB	.....	.....
6	Marcelo C. Crocco	CSUV/1	.....	.....
7	Indasy John Irvin	AAEB	.....	.....
8	Aulo Cirillo Vanzazi	MINAS	.....	.....
9	Edro André P. Freire	CSUV/1	.....	2m09s1
Recordes:	19.1.74	José Jomar Feijó		

Prova	100 m	Moças	Nado de	Costa
1	Elaine Morais Silveira	AABB	.....	.....
2	Consuelo Vidal Oliveira	MINAS	.....	.....
3	Maria Margaret Neves	MINAS	.....	.....
4	Glanda Maria Mattos	AABB	.....	.....
5	Maria Valéria M. Borges	CSUV/1	.....	.....
6	Milviane B. Barbato	CSUV/1	.....	.....
7	Elaine Penido Consone	AAEB	.....	.....
8	Billy Ann Norwood	CSUV/1	.....	.....
9	Myrian Dorella Ferreira	MINAS	.....	1m13s1
Recordes:	20.1.74	Myrian Dorella Ferreira		

Prova	200 m	Homens	Nado de	Costa
1	Luiz Carlos Freitas	AABB	.....	.....
2	Paulo Cesar G. Vieira	MINAS	.....	.....
3	Cláudio C. Azevedo	CSUV/1	.....	.....
4	José Augusto S. Andrade F.	AABB	.....	.....
5	Roberto Carvalho Azevedo	CSUV/1	.....	.....
6	Fernando Nunes Cliveira	AAEB	.....	.....
7	Edro José Mendes Aquino	CSUV/1	.....	.....
8	Luciano Sabbag	MINAS	.....	.....
9	Edson Sales A. Souza	MINAS	.....	.....
Recordes:	7.12.73	Fernando Nunes Cliveira		2m46s0

22ª Prova	100 m	Moças	Nado	Borboleta
1	Maria Margaret Neves	MINAS	.....	.....
2	Claudia Cambrala Vidal	CSUV/1	.....	.....
3	Myrian Dorella Ferreira	AABB	.....	.....
4	Adriane Cecília O. Teles	MINAS	.....	.....
5	Fernanda Vieira Espindola	CSUV/1	.....	.....
6	Resilda Cristine Noronha	CSUV/1	.....	.....
7	Myrian Dorella Ferreira	MINAS	.....	1m11s1
Recordes:	17.2.72	Myrian Dorella Ferreira		

23ª Prova	200 m	Homens	Nado	Borboleta
1	Agrício Penido Consone	AABB	.....	.....
2	Marcos Allemann Lopes	CSUV/1	.....	.....
3	Mauro Roriz dos Santos	MINAS	.....	.....
4	Bruno de Souza	MINAS	.....	.....
5	José Gustavo Alvarenga	AABB	.....	.....
6	Marcelo Dias dos Santos	CSUV/1	.....	.....
7	Paulo Cesar S. Vieira	MINAS	.....	.....
8	Osvaldo Real Duarte	AABB	.....	.....
9	Ferrando Luiz T. Silva	CSUV/1	.....	.....
Recordes:	7.12.73	José Gustavo Alvarenga		2m45s9

24ª Prova	100 m	Moças	Peito	Classico
1	Melane C. Magalhães	AABB	.....	.....
2	Regina Maria F. Groba	CSUV/1	.....	.....
3	Silviane B. Barbato	CSUV/1	.....	.....
4	Denisse Azevedo Clarmi	AABB	.....	.....
5	Alexandra E. Maia	MINAS	.....	.....
6	Marta Sara R. Vieira	CSUV/1	.....	.....
7	Adriane Cecília O. Teles	MINAS	.....	.....
8	Megda Montalvão	AABB	.....	.....
9	Consuelo Vidal Oliveira	MINAS	.....	.....
Recordes:	26.10.74	Alexandra E. Maia		1m27s6

25ª Prova	200 m	Homens	Peito	Classico
1	Elvito José Machado	MINAS	.....	.....
2	Luciano Sabbag	MINAS	.....	.....
3	Joaquim Prudente Leão	CSUV/1	.....	.....
4	João Luiz Pacini Costa	AABB	.....	.....
5	José M. Alvarenga Neto	AABB	.....	.....
6	Wilton José Machado	MINAS	.....	.....
7	Alexandre Novgorodcev	CSUV/1	.....	.....
8	Paulo Cirillo Vanzazi	CSUV/1	.....	.....
9	José Augusto S. Andrade F.	AABB	.....	.....
Recordes:	20.12.73	Frederico G. Bina Neto		2m57s2

Figura 1. Programa do Campeonato de Natação da Cidade de Brasília, 1974

A atleta Alexandra Maia faz parte do grupo de “moças” pioneiras da natação competitiva goianiense, juntamente com Zulma Batata, Margarete Veloso Naves, Adriana Cecília Teles e Usneire Batista Sardinha. Dessas “moças da natação”, Alexandra Maia e Zulma Batata, que atualmente nadam na categoria máster, são os sujeitos deste estudo.

Alexandra Maia começou a nadar em 1969, por influência de uma amiga, Adriana Cecília. Já Zulma Batata começou a nadar no Rio Tocantins por influência do pai e, em 1970, quando se mudou para Goiânia, passou a nadar no Clube Recreativo Cruzeiro do Sul.

*“Eu aprendi a nadar com meu pai no Rio Tocantins. Ele me deixava a certa distância da margem e me pedia para voltar. Depois que cheguei em Goiânia fui para a natação porque eu gostava muito de ir ao clube. Então era uma opção que a juventude tinha naquela época, uma opção de lazer. (Zulma Batata)”*

Alexandra Maia foi recordista brasileira do nado peito em 1974 e vice-campeã no nado livre e ficou em sexto lugar nos Jogos Brasileiros Estudantis (JEBs). Já Zulma Batata ficou em quarto lugar no Centro-Oeste, nos 800 metros livre em 1976, e em terceiro lugar, nos 200 metros nado livre, em uma Competição Interclubes em 1975.



Ambas relataram que não havia muitas competições em Goiânia e que o JEBs era uma espécie de campeonato brasileiro para os nadadores goianienses. Além disso, as duas ressaltaram que as atletas do Rio de Janeiro e de São Paulo já participavam dos campeonatos brasileiros específicos de natação, porém as nadadoras goianienses ficavam de fora dessas competições.

As atletas narraram que o contexto da época não era favorável à prática esportiva, em especial de mulheres. Goiânia era uma cidade nova, na qual os ventos da modernidade ainda sopravam suavemente. Já no Rio de Janeiro e em São Paulo, conforme Melo (2001), a cultura esportiva foi iniciada nos primórdios do século XX, com o projeto de modernização do Brasil, no qual o esporte era símbolo do estilo de vida aos que se intitulavam modernos.

*“Não tinha incentivo para a natação em geral, faltava informação. Goiânia era uma cidade muito jovem, não tinha ainda influência do Rio de Janeiro e de São Paulo. Os nadadores do Rio e de São Paulo tinham mais incentivo, eram nadadores do Flamengo, tinham técnicos, então eram bons nadadores. A gente queria chegar lá, mas não chegava. (Alexandra Maia)”*

Nesse período existiam vários mitos em torno da prática esportiva, que dificultavam o desenvolvimento da natação, como, por exemplo, a associação entre o gosto por esporte com a falta de interesse por estudos. “Quem fazia esporte naquela época era taxado de não gostar de estudar, não queria nada com nada, nem estudar nem trabalhar”, relata Zulma Batata.

Outro mito estava associado ao corpo da nadadora. Acreditava-se que a natação por si só deixava as atletas com ombros e costas largas, a exemplo da nadadora alemã Kornelia Endes citada anteriormente. Entretanto, tal nadadora tinha tais características devido ao uso de anabolizantes, treinamento intenso e uma genética que a predispunha a tal biotipo físico. Diante disso, com receio de as filhas ficarem com o aspecto masculinizado, muitos pais não as incentivavam a prática da natação competitiva.

*“Minha mãe era daquelas que escutava muito as amigas. Ah! sua filha tá ficando com ombro largo, masculinizado. Então ela me proibia de nadar. Não podia viajar sozinha, era complicado [...]. Foi justamente na época das nadadoras monstruosas, que minha mãe me proibiu nadar. “Você só vai nadar três vezes por semana”, dizia minha mãe. Para ver se diminuía meus braços e ombros, mas não adiantou [...]. Eu fugia para treinar, era uma coisa horrorosa! Meninas fugiam com namorado; eu fugia para treinar. Não tinha apoio de pai e mãe. (Alexandra Maia)”*

Devide (2003), ao entrevistar nadadoras da década de 1970, como Maria Eliza Guimarães, atleta do Flamengo e membro da equipe brasileira, também identificou receio das mães de permitir as filhas serem nadadoras de alta performance, devido aos



estereótipos relacionados ao corpo da nadadora (corpo masculinizado). Conforme Elisa Guimarães, havia pressão por parte dos namorados e discriminação dos colegas da escola.

Se, por um lado, os pais de Alexandra Maia e Zulma Batata tiveram o receio das mesmas ficarem com os corpos masculinizados, por outro elas admiravam nadadoras com esses perfis. “Eu tinha um sonho de ficar com a estética das nadadoras alemãs. Eu achava demais, eu achava lindo!”, afirmou Zulma Batata. Já Alexandra Maia ressalta: “na minha escola eu era a única que nadava e gostava de ser musculosa, e o povo falava que eu estava virando homem. Eu era marginalizada de certa forma por isso. Eu queria ficar com o corpo igual ao das grandes nadadoras da época!”.

Quanto à inserção da mulher na natação na década de 1970, as atletas revelaram que faltava apoio e havia muito preconceito. Conforme Devide (2003), nesse período a natação era um território majoritariamente masculino com pouca visibilidade à natação feminina. Além disso, evidenciava a falta de patrocínios, a ausência de mulheres no comando esportivo, o uso de doping e as dificuldades em conciliar os treinamentos, estudos e vida pessoal, aspectos que marginalizavam a natação frente à família, ao clube de treinamento, à mídia e outros.


*“Tinha mais meninos do que meninas nadando. Mulher nadando não era bem vista. Os pais dificultavam. Não fui proibida, mas facilitada também não. Eu treinava escondida. Viajar era muito difícil. Para eu ir para aos Jogos Estudantis Brasileiros, um parente precisou negociar com meu pai. E na outra vez, ele não me deixou ir. (Zulma Batata)”*

*“A mulher que fazia esporte na época era considerada mulher macho, sapatão, porque ficava atlética, os músculos cresciam. Na época, as meninas faziam muito balé e yoga, tinha muito yoga na época. Natação era um absurdo! (Alexandra Maia)”*

No que tange ao apoio dos próprios clubes que as nadadoras defendiam, as mesmas mencionavam o pouco destaque dado à natação.

*“O clube também não priorizava a natação. Mesmo defendendo o clube, este não dava muita atenção à natação. Começou a focar mais quando o Jóquei teve a fase áurea do basquete. Um dos melhores basquetebolistas que o Brasil teve estava aqui no Jóquei, aí a natação pegou carona, sobretudo quando ganhava um campeonato. (Zulma Batata)”*

Quanto ao apoio da imprensa, as atletas narraram que esta também marginalizava a natação. No Jóquei, por exemplo, era editado o jornal “O Aristocrático” e, no Jaó, “O Sol”. Esses dois jornais davam mais ênfase a outros esportes, como o futebol. A natação era mencionada somente quando havia resultados significativos.



“Os jornais não citavam nada da natação, como é até hoje. Você pode prestar atenção, esporte é futebol! A minha vida era nadar e eu não podia fazer aquilo, eu não tinha para onde expandir eu não tinha espaço. (Alexandra Maia)”

Além da falta de apoio, a natação tinha problemas quanto à infraestrutura, adjetivada como muito precária pelas atletas. Goiânia tinha algumas piscinas, como a do Clube Recreativo Cruzeiro do Sul, Jaó e Jóquei. Entretanto, nenhuma era Olímpica. Diante disso, muitos atletas treinavam nos finais de semanas no Minas Tênis Clube de Brasília.

*“Aqui em Goiânia tinha várias piscinas, mas nenhuma olímpica. Eu ia todo final de semana para o Minas Tênis (Brasília) treinar. A gente pegava o ônibus toda sexta feira e voltava no domingo à noite para poder ter a oportunidade de treinar em uma piscina olímpica, porque aqui não existia. A gente ia em turma. A gente chegava sexta-feira à tarde, treinava sexta, sábado e domingo, para ter prática, conhecimento e intimidade com a piscina olímpica. (Alexandra Maia)”*

*“Como em Goiânia não tinha piscina olímpica, nos tínhamos um grupo de atletas que ia todos os finais de semana no Minas Tênis de Brasília para treinar. (Zulma Batata)”*

Além disso, os materiais utilizados para o treinamento eram também precários e improvisados, como o uso de câmara de ar de pneu para o treinamento isolado de braços, devido à falta de flutuadores.

*“A gente não nadava com flutuador, mas com câmara de ar. A gente cortava a câmara de ar com a tesoura. Fazia um oito no pé. Para nadar só com os braços. Eu tinha um monte dentro da sacola. (Alexandra Maia)”*

*“Naquela época usava-se câmara de ar para imobilizar as pernas e fazer só braço. Eu até lesionei meu pé com isso. (Zulma Batata)”*

O pouco conhecimento científico sobre treinamento era outro problema do cenário da natação goiana. As atletas mencionaram que o treinamento era empírico e não havia diferenças entre a organização do treino para provas de resistência e provas de velocidade. Nesse sentido, treinava-se muito, com poucos resultados significativos proporcionais aos esforços. Alexandra Maia relatou que nadava cerca de 10 mil metros por dia, totalizando cinco horas de treino, subdivididas pela manhã e noite. Zulma Batata também afirmou que treinava cinco horas por dia, subdivididas em dois treinos, um de madrugada e outro à tarde.

Quanto aos principais professores e técnicos da década de 1970, a maioria não tinha formação especializada para atuar na área. Alexandra Maia e Zulma Batata



citaram o nome do professor Zé Trombada, que, segundo Alexandra, “era do trânsito, mexia com acidente de carro e nas horas vagas ele dava treino”.

Outro professor mencionado pelas atletas foi Moacir Cícero de Sá, um dos pioneiros no ensino de natação em Goiânia. Conforme expôs Zulma Batata, “o professor Moacir era dentista e dava aula no Jóquei, tinha uma turma de madrugada e outra no final da tarde”.

Outro nome mencionado foi do professor Sancler Oliveira Lemos, ex-atleta do Clube Pinheiros de São Paulo, que trouxe, segundo Alexandra Maia, “um pouco mais de conhecimento e inovação para a natação goianiense”.

As atletas também foram entrevistadas sobre os maiôs. Os maiôs foram objetos de investigação por revelarem as tradições e os costumes de determinada época e por serem elementos de afetividade e memória, ou seja, os maiôs ajudam a compor a história tanto individual como coletiva.

Tanto Alexandra Maia quanto Zulma Batata relataram que os maiôs tinham falta de elasticidade e eram desconfortáveis e destacaram a helanca e o nylon como principais tecidos.

*Os maiôs melhoraram em 1974. Melhoraram, mas mesmo assim não tinham muita elasticidade e cava. Por causa da movimentação do braço machucava aqui, machucava em cima (apontou para os ombros). (Alexandra Maia)*

*Os maiôs eram pesados, modelagem ruim e machucavam demais, assolava demais a pele, principalmente à frente na altura da alça do sutiã, justamente pelo tecido não ser maleável. (Zulma Batata)*

Quanto à modelagem e à diversificação de cores, Zulma Batata afirmou que “a modelagem era muito feia. Era assim bem para baixo o maiô. Quanto à cor, a opção era preta. Quando saía um colorido, era novidade. Listras e colorido eram tudo novidade!”. A foto 1 a seguir é da atleta Zulma Batata com um maiô de cor neutra e corte simples, usado em especial nos treinamentos. Zulma relatou que o molde nas costas (na altura da escápula) é igual ao da parte da frente (altura dos seios), ou seja, em formato de U.



Foto 1. Arquivo pessoal de Zulma Batata. Escola Superior de Educação Física e Fisioterapia do Estado de Goiás (Eseffego), década de 1970

A foto 2 é dividida em duas imagens. Ela apresenta, à esquerda, Alexandra Maia em seu primeiro maiô de natação no início da década de 1970, que, na verdade, era um maiô de banho adaptado para o uso da prática da natação. A imagem, à direita, mostra o primeiro maiô (cor preta e com pouca cava) com o qual ela competiu.

*“Os maiôs duravam muito, não tinham muita elasticidade. Eram bem grudadinhos no corpo e não tinham cavas. Para competir, os maiôs eram de cor única, no máximo uma listra lateral. (Alexandra Maia)”*



Foto 2. Arquivo pessoal de Alexandra Maia. Anos de 1970 e 1971 respectivamente

Já em meados da década de 1970, os maiôs ficam mais coloridos por influência do nadador americano Mark Spitz, campeão em 8 provas na Olimpíadas de Munique





de 1972, que nadou com uma sunga estampada com a bandeira americana. Alexandra Maia afirmou que a “maioria dos nadadores usavam maiôs, e sungas com a bandeira americana era moda na época”. Já Zulma Batata não teve maiôs estampados com a bandeira americana, mas com a bandeira brasileira. “Este aqui eu comprei (mostrando a foto 3) no Rio Grande do Sul em uma competição. É da Speedo. O padrão era preto. Mas em meados da década de 1970 começou a introduzir os coloridos e listrados”.

Na foto 3, as duas atletas usam modelos de maiôs coloridos. Alexandra Maia usa um maiô com estampa de desenhos de ondas, com cores da bandeira americana, sendo as costas em formato de U. Alexandra Maia afirmou que havia várias cores nesse modelo, mas a estampa era a mesma. Já Zulma Batata usa um maiô estampado com a bandeira brasileira.




Foto 3. Primeira imagem: Alexandra Maia, Jornal Sol do Clube Jaó, 1974. Segunda imagem: arquivo pessoal da atleta Zulma Batata, na piscina da Escola Superior de Educação Física, 1976

Segundo as atletas, tanto os maiôs quanto as toucas eram compradas por elas mesmas nas competições que participavam, em especial nos JEBs (Jogos Estudantis Brasileiros).

*Comprar a gente comprava fora. Nas competições sempre tem estas banquinhas e quiosques, ou então a gente saía de turma e comprava na loja. A minha mãe não comprava não. Quem comprava era eu. (Alexandra Maia)*

Outro acessório importante que compõe o visual do nadador na década de 1970 é a touca, com tiras de queixo, feita de um material emborrachado e disponível nas cores azul, rosa e branco.



*Quando a gente era adolescente foi que surgiu a moda desta toca (13, 14 anos). A gente foi para Campinas em um JEBs (76/77), aí nós fomos à Mesbla em Campinas, pois não tinha Mesbla em Goiânia. Mas, se voltasse para Goiânia sem esta toca, era a morte! Eu só usava a toca na competição com medo dela acabar e gastar tudo. Então, quando a gente ia para a competição, a gente ia toda chique, com a toca amarrada aqui. Quando o juiz liberava a prova, a gente amarrava a toca, punha o óculo... E eu me sentia a própria, encarnava o espírito da nadadora. (Alexandra Maia)*

*Eu aderi à moda da touca, eu tinha uma. É esta daqui da foto, só que eu cortei as tiras. (Zulma Batata)*

### 3 Considerações finais

Na década de 1970, na cidade de Goiânia, a natação competitiva ainda era um espaço essencialmente masculino. As atletas que insistiram em praticá-la foram protagonistas na busca pela inserção da mulher nesse esporte, rompendo com preconceitos, mitos e proibições.

Alexandra Maia e Zulma Batata foram duas atletas pioneiras na natação goianiense que buscaram dar visibilidade a essa modalidade em um período marcado por estereótipos de gênero, tensões, resistências, falta de estrutura, materiais, conhecimento científico e incentivo por parte dos pais, clubes e mídia e trajes desconfortáveis.

Pretende-se que este trabalho possa contribuir para elaboração de novos estudos com essa temática e, assim, desenvolver o campo da investigação da memória do esporte na cidade de Goiânia, um campo ainda a ser explorado.

### Referências bibliográficas

ARANTES, A. A. **Produzindo o passado**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

COSTA, G. G. **As duas visões de uma nadadora**. Brasil em Londres 25/10/2008. Disponível em: <<http://brasilemlondres2012.blogspot.com.br/2008/10/as-duas-vises-de-uma-nadadora.html>> Acesso em 10/04/2005.

DEVIDE, F. P. **História das mulheres na natação brasileira no século XX**: das adequações às resistências sociais. [Tese] Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 2003.

MELO, V. A. **Cidade sportiva**: Primórdios do esporte no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Relume Dumará/FAPERJ, 2001.



### **Minicurrículos**

**Rosângela** é professora de Educação Física no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia - Goiânia-GO e doutoranda no Programa de Pós-graduação em Arte e Cultura Visual da Universidade Federal de Goiás. Possui graduação em Educação Física pela Universidade Estadual de Goiás (1999) e Mestrado em Educação Física pela Universidade Federal do Paraná (2004)

**Rita** é professora Adjunta da Universidade Federal de Goiás atuando no Programa de Pós-graduação em Arte e Cultura Visual e no Bacharelado em Design de Moda da Faculdade de Artes Visuais (desde 2006). No último ano realizou estágio de pós-doutoramento no Programa Avançado de Cultura Contemporânea - PACC/UFRJ com o tema *Indumentária em museus no Brasil*, resultando no primeiro levantamento de dados e análise crítica sobre coleções deste tipo e sua patrimonialização no país. Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2008). Mestre em História de Têxteis e Indumentária/ Universidade de Southampton, Inglaterra (2000). cursou Museologia (lato sensu) pelo Instituto de Museologia de São Paulo - FESP (1996). Bacharel em Moda pela Universidade Anhembi Morumbi, SP (1995). Membro do Conselho Editorial da revista *Dobras* (desde 2007) e pesquisadora convidada dos Grupos de Pesquisa: Grupo de Estudo e Pesquisa Museologia e Interdisciplinaridade (GEMINTER/UFG); Núcleo Interdisciplinar de Estudo da Imagem e do Objeto (NIO/UFRJ); Comunicação, Comportamento e Estratégias Corporais (ETHOS/UFRJ). Principais temas de pesquisa são: indumentária e tecidos (especialmente no Brasil e América Latina), sua história, patrimonialização e inserção na cultura contemporânea.